REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 251

11 DE DEZEMBRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou finalmente a Lisboa o tenor Masini.

Masini é considerado hoje em todo o mundo lyrico como o primeiro dos tenores conhecidos.

Lisboa tinha-o já ouvido ha treze annos, quando a *estrella* d'hoje começava apenas a despontar, e nós tinhamol-o ouvido ha tres annos, em Madrid, quando já estava em plena nomeada.

Parece-nos que n'umas notas escriptas muito á pressa ácerca da nossa estada em Hespanha e publicadas em tempo no OCCIDENTE, falámos de Masini e na recita em que o ouvimos no Theatro Real de Madrid.

Foi no *Mephistopheles* de Boito que o ouvimos alli, e, ou porque a opera se não prestasse muito, ou porque elle não estivesse nas suas noites felizes, Masini não nos deixou lá grandes recordações.

O Fausto da opera de Boito foi cantado rasoavelmente, mas sem nada que justificasse a celebridade enorme do illustre tenor.

Logo ao começo da opera Masini falhou uma nota e depois, naturalmente por causa d'esse desastre, não fez nada do papel de Fausto.

Mais tarde uma anedocta da vida artistica do celebre tenor, fez-nos firmar n'esta opinião.

Masini é muito nervoso e obedece perfeitamente ás commoções de momento.

Uma vez em Roma, no Theatro Apollo, cantando a *Força do Destino* com a Stoltz, foi friamente recebido pelo publico.

Habituado a ouvir uma tempestade de bravos responder a cada uma das suas notas, esse silencio desnorteou-o. O 2.º acto cantou-o mal, isto é, mal para Masini, um mal que corresponde ao bem de muitos tenores. A frieza do publico tornou-se gelida e o celebre tenor perdendo completamente o sangue frio sahiu de scena, não acabou a opera e nunca mais cantou em Roma.

Decerto em Madrid, na recita de gala offerecida aos reis de Portugal aconteceu-lhe o mesmo. O desastre da sua entrada em scena desnorteou-o, e d'ahi o elle não justificar no resto da opera, a enorme fama que já tinha, não se parecer inteiramente nada com o Masini prodigioso que estamos ouvindo em S. Carlos.

A estreia do illustre tenor em S. Carlos, agora foi nos *Huguenottes* A fama que o precedera era extraordinaria e extraordinarios foram os preços que a empreza pôz aos logares do theatro nas suas recitas.

D'ahi o publico pagando o dobro do que está habituado a pagar e esperando maravilhas, que não sabia bem precisar, do tenor que tanto dava que falar de si e que tanto fazia subir os preços, acolheu-o com uma frieza quasi hostil.

A romanza do 1.º acto foi cantada deliciosamente por Masini; entretanto o publico que tantas vezes applaude enthusiasticamente mediocridades, teve apenas umas palmas de cerimonia para o grande tenor.

E esta frieza calculada, durou os tres primeiros actos dos *Huguenottes*, mas no 4.º acto, no andante do celebre duetto de Raul e Valentina, o enthusiasmo quebrou todas as reservas e irrompeu em bravos triumphaes

Effectivamente nunca em S. Carlos se ouviu cantar assim um andante, nunca a virtuosidade de um artista attingiu aquellas proporções colossaes.

O sentimento, a arte, a maestria com que esse duetto foi cantando por Masini e pela Borghi-Mamo, promoveram uma ovação enorme.

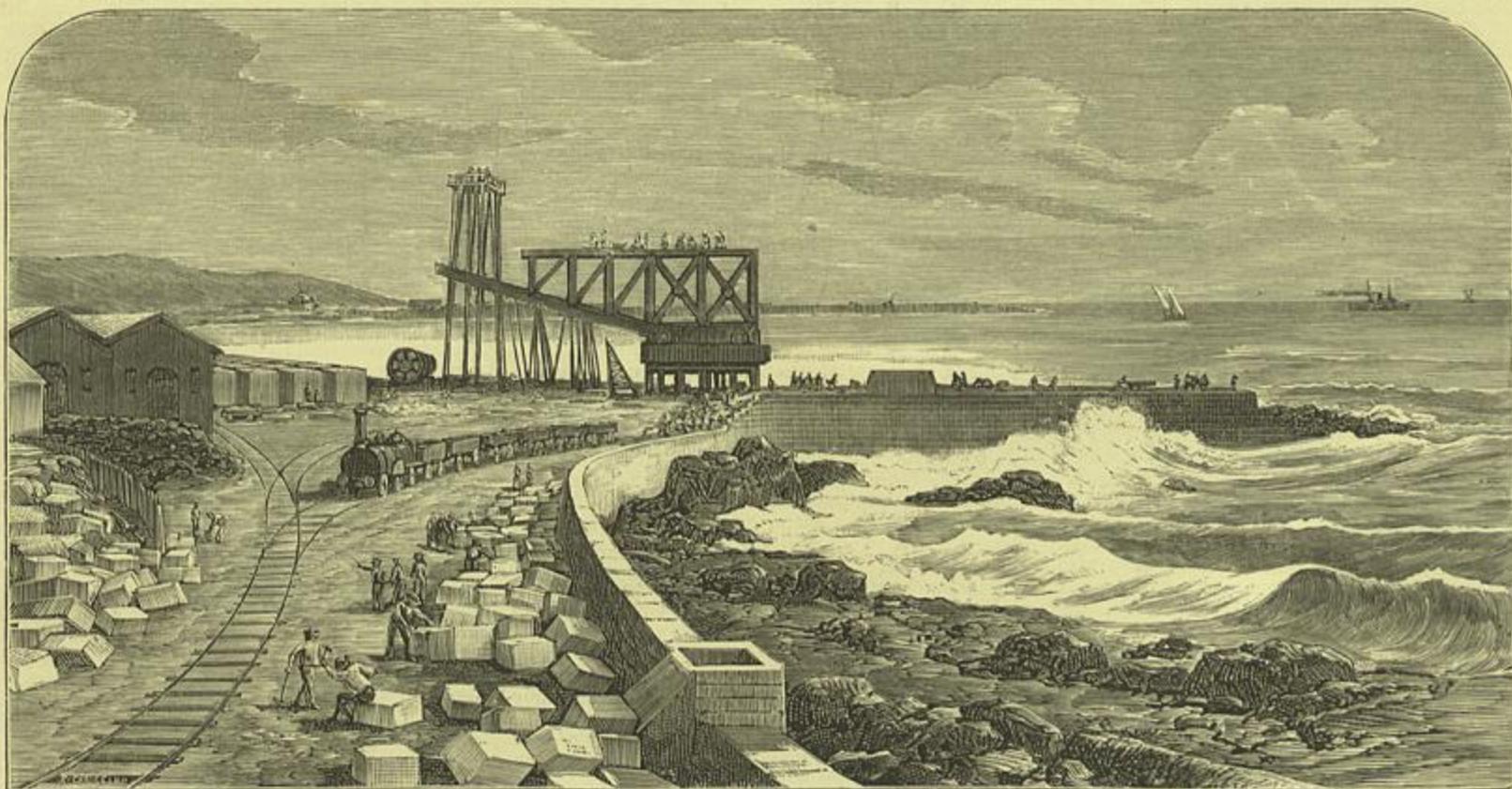
Masini é realmente um cantor excepcional.

Não tem deffeitos? Tem e muitos, mas tem a cubril-os, a desculpal-os, um talento enorme de cantor, uma arte primorosa, uns recursos excepcionaes, que apezar d'esses deffeitos, o tornam primeiro entre os primeiros.

Tem corrido por ahi muitas mãos um artigo critico ácerca de Masini e de Gayarre, firmado por um jornalista hespanhol, em que se dá a preferencia a Gayarre.

Esse artigo é muito bem feito, muito lucido, muito claro, mas entretanto vê-se que é um artigo feito por um hespanhol, analysando dois cantores dos quaes um é hespanhol e outro italiano.

A superioridade de Gayarre sobre Masini, póde ser muito contestada e parece-me que muito melhor do que comparal-os e de gastar tempo e tinta a procurar preferencias entre um e outro, é admiral-os ambos como dois artistas extraordinarios, que tem muitos defeitos, de accordo, mas que apezar d'esses defeitos são hoje unicos no mundo.

A noticia de sensação em Lisboa n'estes ultimos dias, foi a da fuga de dois prezos do Limoeiro,

O PORTO DE LEIXÕES, ESTADO ACTUAL DAS OBRAS (Desenho do natural por J. Christino)

fuga acompanhada de assassinato de uma das sentinellas.

Um dos fugitivos foi apanhado logo pouco depois de ter conseguido sair do Limoeiro, o outro que é hespanhol, até ás horas que escrevemos não ha noticia de ter sido capturado.

Esses dois prezos estavam condemnados a degredo temporario; e com uma ousadia verdadeiramente temeraria, emprehenderam e realisaram uma evasão de grande risco e audacia, evasão que é mais um argumento enorme, colossal, irrespondivel contra o estado deploravel em que está o Limoeiro e a maneira insufficientissima como a policia é feita lá dentro.

Realmente na cadeia de uma capital, dois prezos poderem combinar uma fuga, effectual-a tão pausadamente, matarem sentinellas e depois desapparecerem muito bem socegados da sua vida, é inaudito e reclama promptas e sérias providencias.

É verdade que o Limoeiro está a reclamar isto ha que annos, e sem felicidade devemos confessar.

Já por outras vezes temos tratado largamente, seccantemente mesmo, este assumpto, que infelizmente o Limoeiro fornece muito a miudo.

Não nos espraiaremos hoje em considerações duplamente occiosas, primeiro porque todos as fazem e segundo porque ninguem as põe em pratica.

Registamos apenas o facto, que sobresaltou toda Lisboa pelo seu caracter, excepcionalmente odioso de covardia, e mais uma vez pedimos dos poderes publicos promptas e energicas providencias.

O Limoeiro não tem razão de ser desde que ha a Penitenciaria.

Fechal-o quanto antes é um serviço importantissimo prestado ao paiz.

Depois toda esta historia da evasão dos prezos e do assassinato da sentinella veio provar a má organisação e má execução do serviço policial da cadeia: prezos que transformam thesouras em punhaes, que fabricam cordas enormes, que desentulham chaminés sem ninguem dar por isso, sentinellas dormindo a somno solto, telhados de prisão por onde evadidos passeiam á vontade, fazendo evoluções gymnasticas, são cousas que se não comprehendem na cadeia de uma capital civilisada, em fins do seculo XIX.

O sr. ministro da justiça, logo que soube da evasão dos dois prezos e do assassinato que a acompanhou, e que tão grande e triste sensação produziu em Lisboa, foi immediatamente ao Limoeiro e ahi se demorou investigando as responsabilidades do acontecido, dando logo de momento providencias acertadissimas.

O talento do illustre ministro, o profundo conhecimento do assumpto e o seu dedicado zelo, dão nos muito a esperar medidas energicas, promptas, rapidas, que evitem d'uma vez para sempre estas tristes e vergonhosas scenas.

N'uma das ultimas noites fez beneficio no theatro do Gymnasio uma das actrizes que, no seu genero, é das primeiras de Lisboa, a actriz Jesuina, uma excellente caracteristica que conta na sua vida theatral um bom par de creações comicas magnificas que lhe tem valido muitos applausos a ella e muitas gargalhadas ao publico.

O espectaculo constou de duas comedias uma em tres actos o *Casamento da menina Pimenta*, de Grenet-Daucourt, uma comedia com a sua pontinha de drama, que tem o defeito de tratar um assumpto já muito tratado, mas que tem a qualidade de o tratar com muito bom humor, não insistindo no thema velho e dando-lhe novidade pelos episodios comicos com que o rodeia; e outra em 2 actos, o *Seguro de vida* de que não falamos por não podermos ser juizes em causa propria.

Annuncia-se para o verão proximo em Lisboa um acontecimento theatral que de certo fará grande sensação, a vinda de Margarida Preziozi, a celebre cantora d'operetta que ha nove annos alvoraçou completamente a nossa capital, com a sua belleza provocante e com a sua graça *canaille*.

Margarida Preziozi está actualmente cantando operetta italiana em Italia com grande successo. O antigo emprezario que a trouxe a Lisboa, da primeira vez, o sr. Montresor, e que hoje assentou residencia na nossa cidade, é que pensou em trazel-a de novo cá, e felicitando desde já o publico pelas boas noites que o esperam, felicitamol-o tambem a elle porque se nos afigura um bello negocio theatral, a volta da Preziozi.

Quando estavamos a terminar esta chronica recebemos uma tristissima noticia.

O nosso presadissimo amigo e illustre medico o sr. dr. Baldy que ha mais d'um mez está doente com uma bronchite capillar, peiorou immenso. A doença que parecia ir entrando em declinação, aggravou-se extraordinariamente, pondo em risco os preciosos dias do eminente clinico.

A amisade profunda e gratissima que nos prende a esse excellente homem e a esse grande medico, obriga-nos a deixar todos os trabalhos e a irmos para junto d'elle espreitar anciosamente as suas melhoras, como sempre o temos achado a nosso lado quando a doença nos persegue ou aos nossos.

Por este motivo não podemos fazer hoje o artigo de Thomar que devia acompanhar a gravura que o OCCIDENTE hoje publica; reservamol-o para o proximo numero.

Agora que estamos revendo as provas, temos noticias mais tranquillisadoras do illustre medico. O aggravamento da enfermidade dissipou-se e a doença parece ter entrado de novo no seu caminho regular. Folgamos sinceramente com isso.

Gervasio Lobato.

Porto artificial de Leixões

O OCCIDENTE publica hoje um *croquis* do aspecto geral dos trabalhos d'esta grandiosa obra e graças aos valiosos esclarecimentos que consegui obter, fornecidos por pessoa competentissima, posso acompanhar esse desenho com uma descripção desenvolvida do referido porto, por ventura a mais completa e minunciosa que até agora tem sido dada á luz.

Ao cavalheiro que tão obsequiosamente me forneceu as notas para este artigo, aqui consigno o meu profundo reconhecimento.

É sabido que a idéa da construcção do porto artificial de Leixões, foi suggerida ha muitos annos pelas difficuldades do accesso da barra do Porto, difficuldades que prejudicando altamente o commercio d'esta praça, punham ao mesmo tempo em grave perigo quantiosos capitaes empregados nas embarcações que em certas epocas do anno necessitam transpôr o estreito canal que constitue a entrada maritima d'esta cidade.

Depois de uma lucta longa e tenaz para se obter um melhoramento tão imprescindivel para a vitalidade d'esta praça, depois de feitos varios estudos e de se discutirem os alvitres que se suggeriram sobre a melhor situação do projectado porto artificial, depois finalmente, de se vencerem mil difficuldades, a construcção d'essa obra foi decretada e a empreitada geral, concedida aos srs. Dauderni, Duparchy & C.ª pela somma total de 4.489:000$000 réis, por elles offerecida em concurso de 23 de janeiro de 1884.

O deposito de garantia, na importancia de réis 224:450$000 deverá ser elevado por meio de retenções até á somma de 448:900$000 réis, isto é, 10 por cento do preço da empreitada.

As obras em construcção constam de dois quebra-mares ou molhes e de um porto de serviço.

O quebra mar do molhe do norte parte de um ponto da praia de Leça da Palmeira, distante cerca de 300 metros ao norte do castello d'esta povoação, dirigindo-se em curva de 150 metros de raio até uma distancia de 185 metros e seguindo depois em recta proximamente no rumo magnetico de O. 16° S. até um ponto desviado cerca de 525m,50 da linha que limita a praiamar na praia, atravessando as rochas denominadas *Tringalé* e *Salgueiro*. D'este ponto seguirá em linha curva de 300 metros de raio, passando nas pedras conhecidas pelos nomes de *Gallinheiro* e *Lada Pequena*. O comprimento d'esta parte curva no eixo do molhe será de 474m,43. continuando depois em linha recta 218m,30 na direcção approximada SSE. (magnetico), até ao limite (ao nivel da baixamar) do rochedo denominado *Leixão Grande*. Desde o *Leixão Grande* até á testa que deve limitar a entrada no porto pelo lado do norte, o traçado continuará em linha recta, isto é, em uma extensão de 143m,20, sendo portanto a extensão total d'este molhe, 1.020m,90.

O molhe do sul parte de um ponto proximo á Memoria do Senhor do Padrão, dirigindo-se em linha curva de 150 metros de raio até uma distancia de 142m,35, seguindo depois em recta parallela ao quebra-mar do norte e atravessando a extremidade sul do grupo de pequenas rochas que ficam do lado de dentro da *Espinheira*, n'uma extensão de 580m,70. D'este ponto seguirá por meio de uma curva até á testa que pelo lado do sul deve limitar a entrada do porto, isto é, uma extensão de 428m,11, sendo portanto o comprimento total d'este molhe, de 1.151m,16.

A entrada do porto ao nivel do zero hydrographico deve ser de 220 metros e a profundidade media, de 16 metros.

A superficie do porto assim construido será de 100 hectares.

O porto de serviço tem por fim dar abrigo ao material fluctuante que houver de empregar se na construcção dos molhes e ás embarcações de pesca. Apoiar se-ha provavelmente no molhe do norte, não devendo a sua superficie ser menor de 5 hectares, e tendo metade pelo menos um fundo não inferior a 1m,30 relativamente ao zero hydrographico.

O systema de construcção que se emprega n'estes molhes consiste em uma infra-structura de enrocamento e em uma super-structura de cantaria e alvenaria argamassada, cujo parapeito ou parte superior se eleva a 11m,20 sobre o zero hydrographico.

Nas cabeças dos molhes o systema de construcção será o de muros verticaes fundados sobre o terreno natural convenientemente preparado, tendo uma parte circular de 20 metros de diametro e outra rectangular de 14m,80 de largura ao nivel do plano do caes.

* * *

Foi em fevereiro de 1884 que a Empreza constructora installou o seu escriptorio em Mathosinhos, procedendo desde logo ao levantamento das plantas topographicas e ao estudo das condições do material preciso para as obras a realisar e ás encommendas dos apparelhos, material e materias mais importantes.

Os seus primeiros cuidados e o ponto mais importante n'aquella occasião para a Empreza foi a construcção do caminho de ferro que ligasse as pedreiras de Aguiar com os molhes, mas reconhecida a inutilidade da pedra d'essas pedreiras pela má natureza do granito, suspenderam-se os trabalhos durante algum tempo, até que foi decidido o aproveitamento da pedra do monte de S. Gens para a construcção do porto.

O caminho de ferro de S. Gens aos molhes, mede 6:723 de extensão, sendo a sua largura de 0m,90. Tem uma ponte de ferro de 60 metros sobre o rio Leça, outra ponte de ferro de 6 metros sobre a estrada do Porto a Carcavellos, duas pontes de madeira, de 3 metros, varios aqueductos, passagens de nivel, cruzamentos, etc.

Foi principiado em 13 de julho de 1884 e em 23 de outubro do mesmo anno, os comboios chegavam á ponte de Leça. Mais tarde fez-se uma ponte de madeira, provisoria, sobre o rio, para dar passagem aos comboios que chegavam por este meio ao estaleiro do molhe do norte e por ultimo no dia 8 de janeiro de 1885, passou a primeira machina sobre a ponte de ferro, ficando portanto a linha completamente terminada.

Aproveitando a Empreza todos os meios possiveis para a prompta construcção das obras, deu principio aos trabalhos do molhe do norte, antes de se construir o caminho de ferro, servindo-se para isso da pedra que forneciam as rochas da praia de Leça ao norte do mesmo molhe para enrocamentos, macissos e alvenaria. A pedra de cantaria ia de S. Gens transportada por carros de bois. A primeira pedra para a construcção do molhe do norte foi collocada em 23 de julho de 1884.

O molhe do sul começou se no dia 18 de novembro de 1884.

As obras preparatorias que a Empreza tem feito até hoje para a construcçao do porto, são:

No molhe norte. Officinas centraes, edificio de 366 metros de superficie com linhas e carro de mudança para o serviço das machinas e wagons, machinas obreiras, taes como tornos, serras, locomovel, etc., comprehendendo por emquanto serralheria, montagem, tornos, forjas e carpinteria.

Armazem geral, edificio de 441 metros de superficie, contiguo ás officinas.

Armazem de cimento, pozzolana e cal: edificio de 631 metros de superficie.

Do lado do mar acha-se o escriptorio do chefe de serviço e um deposito para agua doce e salgada, servido por uma bomba e uma machina fixa. Do lado do sul, um cuberto onde estão installadas duas machinas para fabricar argamassa, que são movidas por uma transmissão accionada pela machina do deposito de agua. Na frente d'este cuberto estão dois carros, um pequeno de mão e outro movido a vapor para dar passagens aos wagonetes que conduzem a argamassa, servindo este ultimo para fazer a manobra de mudança de via de um guindaste a vapor que alli se acha para carregar os blocos de 50 tonelladas nos wagons de ferro, que tem de transportal-os até junto do grande guindaste *Titan* para os collocar no mar.

Segue depois o estaleiro dos blocos, que tem uma superficie de 7:767 metros, terminado pelo

lado do mar por um muro de alvenaria de 136 metros de comprimento e 6m,60 de altura media e que continua pelo lado do sul por outro muro de 114m,50 de comprido por 2m,50 de altura média.

Outro muro de 113 metros de extensão e da altura média de 3 metros que liga com o molhe do norte, defende o estaleiro por aquelle lado.

Um poço situado á entrada norte do estaleiro, fornece a agua doce ao deposito.

Todo o estaleiro se acha cercado por uma barreira de madeira pelo lado da terra.

No molhe do norte ha 2:936 metros de via de serviço, com as correspondentes mudanças e placas giratorias.

Além do material descripto estão em serviço n'este estaleiro varios guindastes, entre elles um a vapor de 12 tonelladas, bombas, wagonetes, etc.

No molhe do sul, as installações são:

Na entrada do lado norte, o estaleiro dos blocos, cuja superficie é de 4:200 metros, com um poço para fornecer a agua necessaria á sua construcção e servido por uma bomba.

Seguindo-se para o sul encontra-se outro poço com bomba, que fornece a agua para a fabricação da argamassa.

E finalmente um armazem e escriptorio para o chefe de serviço, edificio que tem a superficie de 286 metros.

Ha no molhe do sul 1:371 metros de linha de serviço, funccionando alli varios guindastes, bombas, wagonetes, etc.

O estaleiro é cercado por um muro de vedação do lado da terra.

Nas pedreiras de S. Gens ha as seguintes installações:

Uma ponte balança, com a superficie de 20 metros.

Um edificio de 216 metros de superficie, com as seguintes divisões: ferraria, carpinteria, armazem, escriptorio e enfermaria.

A este edificio segue-se um deposito de agua, servido dor um poço e uma bomba.

E um paiol.

As vias de serviço contam 2:632 metros com diversos caes de carregamento, mudanças de via, etc.

Entre o material em serviço nas pedreiras contam-se 4 guindastes a vapor, sendo 1 de 7 tonelladas, 1 de 5 e 2 de 3, wagonetes, etc.

Nos molhes norte e sul existem ainda outras duas locomotivas mais pequenas, que fazem a manobra dos comboios.

As experiencias ultimamente realisadas do primeiro guindaste *Titan*, destinado a collocar os enormes blocos artificiaes no fundo do mar, demonstraram satisfazer elle plenamente aos fins a que se destina, visto erguer e collocar no fundo do mar, blocos artificiaes do peso de 50 tonelladas.

Esse poderoso apparelho, construido nas officinas da Companhia Fives-Lille, peza 365:000 kilogrammas, tendo um contrapezo de pedra, de 92:000 kilogrammas.

O estado actual das obras é o seguinte:

Molhe do norte: as fundações do molhe chegam a uma extensão de 185 metros lineares, sendo o cubo executado, de 6:525 metros cubicos. Aterro no estaleiro, 35:285 metros cubicos. Blocos artificiaes de 50 tonelladas construidos, 540.

Porto de serviço: um muro para este porto, cujas fundações chegam a 114 metros lineares.

Molhe do sul: As fundações teem uma extensão de 273 metros lineares, sendo o cubo total executado, de 9:158 metros cubicos. Aterro no estaleiro, 7:705 metros cubicos. Blocos artificiaes de 50 tonelladas construidos, 168.

Pedreiras de S. Gens: os materiaes extrahidos das pedreiras de S. Gens até ao fim do mez de outubro ultimo, são:

Pedra bruta para alvenaria, 19:680 metros cubicos; enrocamentos pesando até 2:000 kilogrammas, 32:377 metros cubicos, pesando de 2:000 a 8:000 kilogrammas 2:749 metros, pedra de cantaria, 4:547 metros, entulho, 25:524. Total, 84:877 metros cubicos.

O numero total de operarios que se emprega actualmente, quer nas pedreiras de S. Gens, quer na construcção do porto, é de 1:150, devendo esse numero augmentar logo que as obras attinjam o seu maximo desenvolvimento.

A direcção geral dos trabalhos está encarregada ao distincto engenheiro o sr. Wiriot, que é tambem o representante da Empreza, e a fiscalisação technica por parte do governo acha-se incumbida ao esclarecido engenheiro o sr. Joaquim Affonso Nogueira Soares.

A elevada competencia d'estes dois cavalheiros, comprovada na direcção de obras importantes, dá garantia da boa execução dos trabalhos do porto artificial que se está levando a effeito.

O demais pessoal superior empregado nas obras, compõe-se dos seguintes senhores:

Engenheiro sub-director das obras, Vimont; chefe de serviço das pedreiras de S. Gens, Poukin; dito do molhe do sul, Mancy; dito do molhe do norte, Belland; chefe das officinas, Moreno.

Secção administrativa: Chefe da contabilidade, Bouillerot; chefe de armazens e caixeiro, Muller: secretario da direcção, Meri.

Manuel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

O VICE-ALMIRANTE D. JOÃO BAPTISTA TOPETE

O vice-almirante Topete era um dos vultos mais importantes da Hespanha, e que figurou na politica do paiz visinho de um modo notavel.

Todos se lembram ainda da parte importante que Topete tomou no movimento revolucionario de 1868, ao qual se seguio o desthronamento da rainha D. Izabel II, e a proclamação da republica em Hespanha.

Topete commandava então a esquadra que estacionava em Cadiz, a qual se manifestou em favor da revolução, influindo consideravelmente para o triumpho da mesma.

Segundo um biographo de Topete, o valente marinheiro, não o moveu n'esta manifestação outro interesse que não fosse o bem da patria, e assim o declarou nas côrtes constituintes de 1869.

D. João Baptista Topete, vice almirante da armada hespanhola, nasceu em S. André de Fustla, no Mexico, em maio de 1821, e era filho de um almirante. Entrou para a marinha em 1835, e durante o espaço de vinte e cinco annos embarcou em differentes navios até que em 1860 foi nomeado commandante da esquadra hespanhola em Africa.

Foram importantes os serviços que prestou durante a sua longa carreira de marinha, e a primeira recompensa que lhe ornou o peito foi ganha por um acto humanitario, lançando-se ao mar para salvar um marinheiro que caira de bordo do vapor *Congreso*.

Tinha 20 annos quando praticou este acto de bravura e humanidade, com risco da propria vida.

A pagina mais brilhante da historia de Topete é a que se refere á campanha do Pacifico de 1865 a 1866.

Os feitos do illustre vice-almirante acham-se minuciosamente descriptos por Novo y Calson na sua *Historia da Guerra do Pacifico*.

Desempenhou successivamente os cargos de ministro da marinha, ultramar e guerra, e foi presidente do conselho em época bem difficil.

Quando D. Affonso XII subiu ao throno, pediu Topete, por um acto de dignidade e consciencia, demissão dos seus cargos officiaes, mas o monarcha não lh'a concedeu.

Em 1881 foi elevado, por antiguidade, ao posto de vice-almirante. Era senador vitalicio, e grande numero de condecorações galardoavam os seus serviços

Falleceu no dia 31 de outubro ultimo, e a sua morte fez grande sensação no paiz visinho.

HOSPITAL DE S. MARCOS, EM BRAGA

Foi fundado pelo arcebispo D. Diogo de Souza, no anno de 1508, e n'elle reunio os pequenos hospitaes dos Peregrinos, dos Lazaros, e a Gafaria com suas rendas, ás quaes juntou os dizimos das egrejas de S. Martinho de Gallegos e S. Martinho de Mosêllo.

O actual edificio porém, é uma reconstrucção do seculo passado, feita entre os annos de 1770 a 1780, sob o risco do engenheiro Carlos de Amarante, e executado por José Fernandes da Graça (o *Landim*).

Por essa occasião reformou-se a construcção primitiva e deu-se maiores proporções ao edificio, como se pode avaliar pela gravura que publicamos.

No centro do edificio está a egreja, que é espaçosa e bem ornamentada, tendo na capella-mór o tumulo de S. João Marcos, cujos restos foram para alli trasladados em 1718

O hospital tem onze enfermarias e uma boa botica. O seu movimento regula por 2:000 doentes annualmente, e os seus rendimentos são administrados pela Misericordia, que tem a direcção do estabelecimento.

O hospital de S. Marcos está edificado no Campo dos Remedios; a sua architectura severa, tem uma certa elegancia, realçada pelas estatuas que adornam a platibamba. Hygienicamente poderá não ter todas as condições que a sciencia moderna exige; entretanto é um bello edificio que embelleza a cidade de Braga, capital da provincia do Minho.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

NOVAS APPLICAÇÕES DA ELECTRICIDADE

A lanterna Trouvé, e o photophoro electrico

A electricidade vae cada dia tendo novas applicações e realisando novas maravilhas.

A descoberta das lampadas incandescentes determinou um verdadeiro progresso nas applicações da luz electrica.

Constam estas lampadas de um pequeno globo de crystal, em que se faz o vacuo, contendo uma tira delgada de carvão cujas extremidades communicam com os fios conductores que sahem do mesmo globo, e estabelecem a corrente electrica, incandecendo o carvão e transformando-o n'um brilhante foco de luz. Como o carvão está n'um espaço absolutamente vasio de ar, não se consome por mais diminuto que seja.

Estas lampadas não precisam de uma grande força de electricidade para funccionarem, e algumas até pelas suas pequenas dimensões, podem funccionar sob a acção de tres elementos.

Para tornar estas lampadas portateis até ao ponto de se trazerem na algibeira, inventou, ultimamente, M. Trouvé a lanterna electrica, que em verdade é uma maravilha que chega a surprehender, pelo engenhoso e pelos resultados praticos.

Esta lanterna (veja se a gravura a pag. 280) tem na parte superior uma lampada incandescente, cujo globo de crystal está protegido por uma guarnição de metal; a pilha, occulta no cylindro que fórma o corpo da lanterna, consta de seis elementos de zinco-carvão, immersos n'um liquido composto de: agua distilada, 8; acido sulphurico, 3,5; bicromato de potassa, 1; o interior do apparato divide-se em seis compartimentos dispostos em circulo e que contém a solução acida.

Para evitar que o liquido se extravase, quando a lanterna é levada na mão, um simples machinismo permitte evitar esse transtorno, por meio de uma peça circular que anda junta á parte inferior da lanterna, e que ligada a uma outra peça tambem circular e convenientemente disposta, faz pelo seu peso, quando a lanterna se toma na mão, um determinado movimento no apparato que não só estabelece immediatamente a corrente, e por consequencia se produz a luz, mas evita a extravasão do liquido.

Um botão metalico disposto na parte superior da lantern apermitte regular o grau de immersão dos elementos e, portanto, a intensidade da luz, que pode ter a força de uma fraca lamparina até á forte luz de seis velas, tendo o apparato a porção de liquido sufficiente para a lanterna funccionar com o maximo da luz, por espaço de tres horas.

A utilidade d'este invento está tendo já uma larga comprovação, nas differentes applicações que se lhe está dando. Assim emprega-se nos trabalhos de minas, nas fabricas de gaz e onde seja precisa luz, em atmospheras saturadas de gazes inflammaveis ou vapores explosivos.

Em França já se acham em uso para os bombeiros.

O photophoro electrico, um outro invento de M. Trouvé, não é menos engenhoso nem menos util que a lampada que deixamos descripta.

O photophoro consiste em um pequeno tubo de metal, tendo na parte posterior um reflector e na dianteira uma lente movel que se colloca conforme fôr necessario. Este simples instrumento ajusta-se na testa do operador, por meio de uma placa metalica ligada a um cinto elastico que se adapta á cabeça, conforme se vê na gravura, e pode funccionar com a pilha fixa ou portatil.

Este instrumento, assim collocado, deixa livre todos os movimentos do operador e é de grande utilidade no serviço medico, para as observações em differentes orgãos do corpo, como pode ser a garganta ou a bocca, os ouvidos, etc.

O photophoro pode ainda ser applicado nos capacetes dos bombeiros ou nos gorros dos mineiros, não só por lhe illuminar o campo das suas operações sem perigo de explosão e incendios, mas pela vantagem já apontada, d'esta pequena lanterna se poder usar sem impedir nenhum dos movimentos do corpo, e deixar as mãos livres.

A.

O Conselho Superior de Instrucção Publica

(Continuado do n.º 250)

O conselho superior de instrucção publica, creado por decreto de 23 de maio de 1884 divide-se em duas secções, uma de nomeação regia, outra electiva.

A primeira d'estas secções compõe-se de doze membros e funcciona permanentemente: a electiva compõe-se de vinte e dois membros delegados, cinco pelas faculdades da Universidade de Coimbra, dois pelas escolas medicas de Lisboa e Porto, um pela escola polytechnica de Lisboa, um pela academia polytechnica do Porto, um pelo curso superior de lettras, um pelo real observatorio astronomico, um pelo archivo da Torre do Tombo, dois pelas academias de Bellas Artes de Lisboa e Porto, um pelo Conservatorio real de Lisboa, tres pelos lyceus centraes de Lisboa, Coimbra, e Porto, dois pelos inspectores das doze circumscripções de instrucção primaria, dois pelos collegios e escolas d'ensino livre de Lisboa e Porto, e funcciona annualmente em sessão plenaria do dia 1 a 15 de outubro.

A secção permanente do conselho tem a seu cargo propor ao governo todas as reformas e providencias que julgar convenientes á administração litteraria, scientifica, economica e disciplinar de todos os ramos de ensino sob a jurisdicção do ministerio do reino, e dar parecer sobre interpretação de leis de instrucção publica, sua execução e sobre todas as questões que prendam mais ou menos directamente com a instrucção publica em todos os seus variadissimos ramos.

O Vice-almirante D. João Baptista Topete

A secção ellectiva tem que apresentar todos os annos relatorios de cada delegado ácerca do ensino na faculdade, instituto ou circumscripção que esse delegado representar, propostas tendentes a melhorar o referido ensino, prestar todos os esclarecimentos necessarios para a discussão d'essas propostas, apresentar os livros que julgar mais convenientes para servirem de texto ás aulas de que são delegados.

Reunidas em sessão plenaria, a secção permanente e a secção electiva, n'esses quinze dias de outubro em que funcciona o conselho, discutirão essas propostas, classifical-as-hão segundo a sua urgencia, approvarão os livros de texto para as aulas, e darão o seu parecer sobre todas as questões que superiormente forem submettidas á sua consulta.

Como veem por este rapido extracto do regulamento do conselho superior de instrucção publica, não ha organisação mais liberal, mais moderna, mais bem pensada. Todos os varios ramos d'ensino, tanto as escolas superiores, como as secundarias, como as primarias, como os collegios particulares, enviam ao conselho delegados seus escolhidos em eleição, em que apenas tem voto os interessados immediatamente no assumpto, e que vão expôr em assembléa plenaria o estado em que se acha o ramo do ensino a que pertencerem, as suas necessidades e indicar os meios de accudir a ellas.

O conselho depois discute e estuda esses meios, propõe-os ao governo e aqui tem a instrucção publica administrada por si propria, completamente livre da politica, alheia ás questões de partidos e cuidando apenas dos seus interesses.

Em outubro d'este anno realisou-se a primeira sessão plenaria do conselho superior de instrucção e n'essa sessão que durou quinze dias trabalhou-se muito, discutiram-se e votaram-se muitas propostas importantes, como por exemplo a de novos edificios para lyceus, reforma das faculdades de mathematica e de philosophia, reunindo ambas n'uma só, reforma do ensino superior, prohibição expressa dos professores dos lyceus exercerem o ensino particular, reforma do Conservatorio real de Lisboa, creações de novas cadeiras em varias escolas, etc., etc.

A sessão terminou no dia 15 de outubro por um bello e eloquentissimo discurso de Jayme Moniz, em agradecimento a um voto de louvor que lhe

THOMAR — Nossa Senhora da Piedade (Segundo uma photographia de A. S. Magalhães) Vid. artigo "Tres dias em Thomar"

foi dado por acclamação pelos serviços relevantissimos por elle prestados á causa da instrucção e pela maneira brilhante como no seu logar de vice-presidente do conselho dirigira todas as sessões e encaminhou todos os debates.

O sr. conselheiro Antonio Maria d'Amorim, illustre director geral da instrucção publica teve tambem um voto de louvor, por acclamação, pela sua dedicação á causa do ensino.

O sr. conselheiro Jayme Moniz foi encarregado de fazer o relatorio da sessão plenaria, que será com certeza um importantissimo trabalho, mercê da alta competencia do relator e das interessantes questões tratadas n'essa sessão.

Além dos doze vogaes da nomeação regia, que são permanentes, e dos vinte e dois vogaes electivos, cujas funcções duram por dois annos, o conselho superior de instrucção publica tem mais um presidente, que é o ministro do reino, e um secretario que é o chefe da repartição do ministerio do reino, encarregado do expediente do mesmo conselho.

O vice-presidente que é de nomeação regia e escolhido entre os doze vogaes da secção permanente, é como já dissemos o emminente professor do curso superior de lettras, o sr. Jayme Moniz.

O secretario é o illustre litterato o sr. Francisco Palha, chefe da 2.ª repartição da direcção geral de instrucção publica.

Os vogaes da secção electiva, eleitos segundo a lei no dia 15 de junho passado, em todos os estabelecimentos d'ensino foram os srs.:

Damasio Jacintho Fragoso pela faculdade de theologia da Universidade de Coimbra, Pedro Augusto Monteiro Castello Branco pela de direito, Lourenço de Almeida e Azevedo pela de medicina, Luiz da Costa e Almeida pela de philosophia, Antonio dos Santos Viegas pela de mathematica, Pedro Antonio Bettencourt Raposo pela escola medica de Lisboa, Ricardo d'Almeida Jorge pela do Porto, Augusto José da Cunha pela Escola Polytechnica, Adriano Machado pela Academia Polytechnica, Sousa Lobo pelo curso superior de lettras, Frederico Oon pelo observatorio, Raphael Bastos pela Torre do Tombo, Victor Bastos pela Academia de bellas artes de Lisboa, Soares dos Reis pela do Porto, Augusto Neuparth pelo Conservatorio real, Pedro Monteiro pelo lyceu de Lisboa, Gaspar de Frias d'Eça Ribeiro pelo de Coimbra, Costa e Almeida pelo do Porto, Alfredo Julio de Brito pelas seis primeiras circumscripções d'instrucção primaria, Antonio Servulo da Matta pelas outras seis, Manuel Antonio Ferreira pelo ensino livre de Lisboa, Evaristo Gomes Saraiva pelo do Porto.

Hospital de S. Marcos, em Braga (Segundo uma photographia)

O Occidente desejava publicar os retratos de todos os membros electivos e permanentes do conselho superior d'instrucção publica, mas na difficuldade de obter desde já os retratos de todos os membros electivos, limita-se por emquanto a publicar os retratos dos membros da secção permanente, retratos que sahiram no nosso ultimo numero e de quem faremos uma rapida noticia biographica no numero immediato.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

OS MOTINS POPULARES DO PORTO

(23 de Fevereiro de 1757)

(Continuado do n.º 250)

Era um artista o marquez de Pombal. Não perdia nunca occasião de juntar o util com o agradavel!

Vem aqui a proposito narrar um episodio burlesco-religioso em que figura o marquez de Pombal, por lhe haver dado importancia, guindando-o ás alturas de uma correspondencia official com o seu delegado no Porto.

Em officio de 4 de março, allude o ministro ao preambulo da *Instituição da Companhia*, e especificadamente ao § 28.º da mesma Instituição, escorando ambas as citações com outras tiradas das Provisões do Desembargo do Paço, que se referiam aos motins que tiveram logar em 1740, *por se dizerem as missas com os vinhos que os inglezes e os taverneiros adulteram ao seu livre arbitrio*, concluindo por logicamente ponderar que sendo decorridos 17 annos depois de tamanho attentado, só agora os portuenses se lembrassem, *tocados do espirito religioso do zelo da pureza dos vinhos para os sacrificios* (que algaravia esta!) de se amotinarem de novo, quando, accrescenta o despacho, *mediante a Companhia, os queixosos passaram da pobresa ao estado da abundancia, e do não ser ao ser* (valha-nos a traducção do tragico inglez para explicar as moximifadas dos vinhos do Douro) *sendo por tanto instigados á revolta apenas pela malicia negra e detestavel dos que fizeram a sedição.*

Como tudo são surprezas n'este processo, que tantas vidas veiu a custar depois, desenove sentenciados a pena ultima! chega uma occasião em que o proprio marquez duvida que os reus sejam tantos quantos os que lhe denunciam os seus agentes, e a rasão é porque custa a crer: *que entre tantas pessoas de animo corrompido não houvesse alguma christã e temente a Deus, e a El-Rei Nosso Senhor, que na confissão sacramental não declarasse um tão detestavel projecto, como era o da ruina de uma cidade.*

Como as delações no confissionario não tivessem surtido o effeito que o marquez de Pomqal esperava, no mesmo officio ordena ao desembargador presidente da alçada, *que empregue algum dinheiro em pagar boas espias, que informem com toda a cautella.*

Em um *post-scriptum* ao largo aranzel a que acabamos de alludir, o marquez diz estar convencido que os amotinados foram poucos, *e que usa-*

ram de vestidos disfarçados, e manda *tratear* — que insolito verbo! — os garotos que tocaram os sinos da Misericordia, *por ser verosimil que assim declarem quem os mandou tocar!*

Hoje que anda em voga o adjectivo *correcto*, perguntaremos nós aos centenaristas de boa fé, se o procedimento do marquez foi com effeito *correcto*, inculcando forcas sem ainda haver a quem enforcar; indicando uma classe exclusiva para d'ella sairem os réos; procurando devassar o sigillo do confissionario, e, não o podendo obter, assalariando espiões, para chegar, fosse como fosse ao seu ideal — a forca!

A analyse dos documentos que nos restam não é menos edificante, nem mais sobria de monstruosidades juridicas. Se não, vejâmos. Como as cadeias do Porto não fossem sufficientes para allojar o crescido numero de descrentes nos milagres da *Companhia dos vinhos do Alto Douro*, mandou se pôr o castello da Foz á disposição do presidente da alçada, e para não faltarem noticias, correios de gabinete corriam constantemente as estradas do Porto a Lisboa, excepto quando o caso era de mais importancia, porque então, como por exemplo para trazer o accordão da alçada, os correios eram officiaes de cavallaria do exercito, assim degradados na sua nobilissima profissão. Prevendo o caso de fuga de algum, ou de alguns dos suspeitos, receberam os provedores das comarcas do norte ordens expressas para invadirem as reciprocas jurisdicções, sem attenderem a privilegios nem a reclamações dos donatarios das terras, invadidas, em nome do interesse publico.

Como Coimbra não tivesse ficado indifferente aos motins da cidade do Porto, foram presos diversos estudantes, e mandados para a India, e n'isto ficaram as providencias tomadas por então contra os sediciosos. Para o Porto é que estavam reservadas as maximas humilhações, os mais inauditos vexames!

Por despacho de 21 de março, era determinado ao governador interino de Armas, e partido do Porto, que mandasse aboletar as tropas nas casas dos moradores da cidade, com muitas, e muito odiosas excepções, *obrigando-os a provel-as de todo o necessario para o seu diario sustento, soldo, e munições de guerra de que carecessem, emquanto ahi residissem.*

É escusado encarecer o alcance d'estas arbitrarias disposições, que reduziam á miseria os habitantes da cidade do Porto, e que tinham por principal fito, *obrigar a plebe arguida e castigada a exonorar-se da culpa que sobre ella deitavam os outros Estados, vindo a declarar os fautores por quem fora induzida!*

Que infame systema este para apurar a verdade de uma sedição! Que mingoada consciencia a do estadista que assim procedia, quando no mesmo papel que assignava, era elle proprio a confessar, á vista dos pasquins que o presidente da alçada lhe remettera: *que havia n'aquelle negocio alguem que não pertencia á plebe!* Esta suspeita do marquez de Pombal nascia, e com rasão, do facto de um dos pasquins ser escripto em latim, lingua de que só um inquiridor desnorteado poderia attribuir o conhecimento a um desherdado filho da plebe.

N'estas alturas, o processo, ou antes os preliminares do processo, mudam de feição. As ordens religiosas vão tornar-se suspeitas aos homens da alçada, e portanto tambem ao espirito desconfiado do marquez de Pombal. Aos ouvidos do presidente da alçada *chegára o rumor* de que havia quem temesse que as religiões de frades e freiras lhe fosse pedir o perdão dos criminosos, e tanto bastou para que *um rumor* ganhasse logo as proporções de um motim projectado, e desse motivo ás ordens do marquez de Pombal, tornando responsaveis os respectivos prelados por quaesquer manifestações caridosas dos seus subordinados, *apesar de não ser vero imil que se unam loucos de tão diversos habitos para semelhante fim!*

Apesar da pouca verosimelhança do facto, recebeu o desembargador João Pacheco Pereira de Vasconcellos, uma nota do marquez de Pombal, a que devia dar a forma da circular, e em que a velhacaria corria parelhas com os encomios á devoção de Sua Magestade por todos os santos patriarchas fundadores das diversas ordens religiosas! Em estylo diffuso e sorna chega a circular á conclusão: *de que ás communidades que se acharem livres do contagio de tão abominavel peste, (o amor do proximo!) devem os prelados notificar que nem a titulo de parentesco, de amisades, ou qualquer outro, se devem intermetter a pedir, ou sollicitar nas materias pertencentes ao indispensavel castigo da rebellião.*

E como não bastasse este rugido de chacal para assombrar a caridade monastica, as instrucções ministeriaes accrescentavam ainda: *No caso que os taes prelados usem os subterfugios de dizerem que não podem responder pelos factos alheios dos seus subditos, responderá V. Mcê em termos resolutivos, seccos e abstractos, que não deixem logar a distincções da logica, nem a replicas da malicia!*

Que não deixem logar a distincções da logica! E porque? Lá o diz tambem o papel. *Porque Sua Magestade não pede conselho, nem admitte instancias sobre as suas reaes ordens.*

E segue a costumada lamuria ácerca da clemencia do monarcha, sempre invocada quando se trata de prisões, degredo, ou pena capital! De todos os documentos que temos presentes, nenhum é, talvez, mais curioso do que este que estamos analysando. Depois de falar por conta propria, e pelo theor que se viu, o marquez de Pombal ensina ao presidente da alçada o papel que deve representar sem auxilio de ponto, nem de contraregra.

Eis como o ensaiador mette em scena o tyrano da peça, o desembargador João Pacheco Pereira de Vasconcellos. Depois do recado ensinado diz-lhe: *Que por um officio de sua devoção peça aos prelados uma precatoria que o auctorise a fazer prender todos os frades que achar fóra dos conventos, implicados no negocio de sedição.* Os frades Franciscanos, e os Dominicos, eram aquelles de que o marquez de Pombal mais se arreceiava, contrapondo-lhes a pacatez dos Cruzios, dos Capuchos, e dos Carmelitas calçados.

No entretanto o presidente da alçada não dormia. Assim o attesta a gratuita declaração do marquez, *de que já chegavam a Lisboa os echos de terror, nascidos do modo serio dos seus procedimentos!*

O officio que estamos consultando tem a data de 7 de abril, e termina de uma maneira digna, quer do interrogante, quer de quem lhe satisfazia a curiosidade.

Ao que parece o presidente da alçada tinha duvidas ácerca do modo de ultimar a tarefa de que se encarregara. O marquez de Pombal resolve tiral-o de apuros, mandando-lhe um livro composto por José Vaz Freire, contendo a pratica das alçadas, livro que servira em tempo de D. João IV, quando o auctor fôra mandado a Braga, syndicar de uma revolta, no anno de 1650.

«*N'elle verá vossa merce* — accrescenta o officio — *tudo o que pertence á materia, especialmente no capitulo* XIII *tudo o que é concernente a tratos, e a fórma em que se determinam e executam, sem ser necessario ir d'esta côrte quem o instrua sobre esta materia.*»

Não tendo nós presente o officio do desembargador a que serve de resposta o do marquez de Pombal, resta-nos a suspeita de que o presidente da alçada se queria descartar da parte mais odiosa do processo, o que não logrou conseguir pela remessa que o ministro lhe fez do erudito livro de José Vaz Freire, tira-teimas em materia de mar-

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 248)

XII

A mystificação

— Fogo, fogo, sobre elles, bradava apoderado da febre do combate.

— Fogo, repetiram todos.

Seguiu-se o troar dos mosquetes descarregados a um tempo sobre a criadagem espavorida, que se levantava em alta grita n'uma confusão indiscriptivel.

— Avança.

— Vamos sobre elles.

— Mata esses cães.

— Vá, fogo.

Em um momento acharam-se inteiramente senhores da casa. Mas a distancia, por todos aquelles casaes, ouvia-se a bulha das sinetas tocando a rebate de uma maneira desesperada.

O *Trovão*, á frente dos seus intrepidos companheiros, tinha o quer que era da bravura dos antigos guerreiros da idade média.

— Vamos, dizia elle agitando o seu archote, que espalhava em redor d'elles uma luz rubra, cujo destaque dava ao quadro o quer que era de sobrenatural e de phantastico. — Vamos, repetia elle, é preciso quanto antes illuminar-lhes o caminho.

E erguendo a fronte de uma maneira altiva e imperiosa exclamou:

— É preciso deitar fogo a tudo isto; que a fama d'esta noite se eleve ás nuvens em ondas de fumo; que a vingança dos caçadores de carne humana seja proclamada pela bocca dos nossos trabucos, e pelas linguas vermelhas do incendio devastador.

E no mesmo instante aquelles quatro homens, agitando-se como furias no meio das trevas, executaram o seu destruidor designio, com uma precisão e uma rapidez infernaes.

N'este momento surgia do lado opposto da collina o *Frade*, conduzindo sobre o arção da sella a cigana, que elle amava agora com mais vehemencia do que nunca, porque ao sentimento do amor se juntava por igual um outro sentimento não menos forte, o sentimento da compaixão.

Os reflexos d'aquella chamma enorme illuminaram as feições do famoso aventureiro, e excitaram-lhe os sentidos, como se aquella chamma se lhe communicasse tambem a elle proprio, e lhe ateasse igual incendio no cerebro sobreexcitado.

Ondina cahira em mortal prostração.

Elle conduzia-a nos braços, inanimada, como um corpo morto, e contemplava-a á luz d'aquella claridade sinistra, com uma paixão e uma dôr que o enlouquecia.

Porque tremenda fatalidade o acaso pozera no seu caminho aquella mulher?

. . . .

No dia seguinte, quando justamente o capellão do senhor general das armas affirmava que iria dar á provincia uma nova prova da sua sagacidade e do zelo com que tratava a um tempo da alma do fidalgo e da fama do seu nome, preparando-lhe a paz no céo e a gloria na terra, chegaram as alarmantes noticias do arrojado commettimento da noite anterior.

De todos os lados se levantavam clamores unisonos e de todos os pontos acudia a turba enfurecida, pedindo providencias.

Dando-se ares de superioridade, ouviu as queixas como quem pouca importancia dava ao caso.

— Então elles levaram a cigana?

E soltando um risinho intencional accrescentou:

— Tanto melhor, serão filados os dois. Estão entregues em boas mãos. Socegue que a minha gente não dorme...

E assoprando as bochechas e bambeando com importancia o seu abdomen respeitavel.

— Eu cá sei em que me fio; frei José não tarda por ahi...

E a todos os alvitres que lhe propunham a respeito do caso em questão, respondia sempre a mesma cousa:

— Esperem frei José.

E a razão d'isto não a dava. Era o seu segredo, era a chave do grande enigma, e sorrindo se esfregava as mãos repetindo:

— Cousas, cousas...

Mas frei José não apparecia.

Não era crivel que elle ignorasse o que havia succedido, nem provavel que o abandonasse n'uma situação tão critica.

N'isto, quando estava já resolvido a mandar alguns dos seus domesticos em procura do frade, receioso que houvesse tido algum mau encontro e lhe tivesse succedido alguma nova desgraça irremediavel, vieram avisal-o de que havia apparecido frei José de Santa Maria.

Logo alvoroçado perguntou:

— Onde está elle, onde o encontraram?!

— A entrada do Pinhal Velho, responderam os alviçareiros, mas inteiramente desfigurado, de sorte que apenas pelo habito o podemos conhecer. Uns cães de caça é que deram com o cadaver na cova em que o haviam enterrado!

Sua reverendissima abriu muito a bocca, mas apenas uma interjeição de dôr e de espanto poderam exprimir seus labios.

— Ah! disse elle.

E deixou-se cair n'uma cadeira, extenuado, como se o prostrasse a fadiga de uma longa jornada dolorosa.

Não era ainda a ultima contrariedade.

Aquelle facto desgraçado annunciava uma serie infinita de desastres que haviam de collocal-o n'uma situação embaraçosa, desesperada, impossivel.

Assim, ao apparecimento do cadaver, seguiu-se a carta do guardião do convento de Setubal, que, em vista da ultima missiva que recebera, se apressára logo a responder a sua reverendissima, para lhe declarar que ambos haviam sido victimas de um grande logro; que elle guardião, pela sua parte, se considerava roubado, pois que o frade de que se tratava e lhe escrevera agora, não era o frei José de Santa Maria, o qual não tinha aquelle caracter de lettra, como facilmente se podia provar confrontando a carta que recebera

tyrisar a humanidade com todos os preceitos do estylo.

Uma das feições caracteristicas do marquez de Pombal, e esta uma das que mais o honram perante a posteridade, é a sua isempção e altivez em face dos estrangeiros insolentes e menospresadores da nossa dignidade nacional.

Dos documentos que temos presentes não consta o que pretendia fazer, nem quaes eram as intenções de uma nau de guerra ingleza fundeada nas aguas do Douro. O que sabemos, é que o marquez de Pombal desconfiou de que a nau pretendesse proteccionar os arruaceiros do Porto, e deu desde logo as mais terminantes ordens para que fosse repellida a força pela força, *fazendo fogo sobre os tres inglezes, mettendo os no fundo se porfiarem ou se puzerem nos termos de fazer resistencia.*

Serenada um pouco a tempestade promovida pela sedição do dia 23 de fevereiro, e pelas numerosas prisões que se lhe seguiram, o primeiro cuidado do marquez de Pombal foi de repor no exercicio das suas anteriores funcções a *Mesa da administração da Companhia geral da agricultura dos vinhos do Alto Douro,* para o que expediu as mais positivas ordens ao presidente da alçada, acompanhando-as de uma exposição de *motivos,* pró e contra a Companhia, e de uma serie de *providencias* que deviam ser adoptadas para que ella entrasse desde logo no giro normal das suas attribuições.

Como o que diz respeito á gerencia dos negocios da Companhia é alheio ao nosso proposito, deixaremos sem commentarios os *motivos* e as *providencias,* e proseguiremos no nosso intento de analysar o processo que temos entre mãos, o que, se não honra a humanidade dos vogaes da alçada, menos ainda abona a do seu inspirador, marquez de Pombal.

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

RESENHA NOTICIOSA

Centenario de D. Affonso Henriques. A cidade de Coimbra celebrou com grande pompa, no dia 6 do corrente o setimo centenario da morte do fundador da monarchia portugueza. As 5 horas da madrugada principiaram a ouvir-se a espaços, salvas de morteiros e os sinos de Santa Cruz, repicavam alegremente. Ao meio dia saiu dos paços do concelho um prestito civico, formado por diversas corporações com seus estandartes, funccionarios publicos, militares, estudantes da Universidade com o reitor e alguns lentes, e fechando o prestito a Camara municipal. As musicas de duas philarmonicas e a do regimento de infanteria 23 tomaram tambem parte no prestito.

Pelas ruas do transito era grande a multidão que affluiu á festa e nas janellas enfeitadas de vistosas colchas e bandeiras, viam-se muitas damas ostentando as suas galas. O prestito deu entrada na egreja de Santa Cruz, pelas 2 horas da tarde e ali foram depositadas muitas corôas de flores sobre o tumulo de D. Affonso Henriques. A nobre cidade de Coimbra honrou-se mais uma vez pelo modo como celebrou esta festa em honra do fundador da nacionalidade portugueza, de que ella ha sete seculos guarda as veneràndas cinzas.

Morte de uma poetiza. Falleceu a sr.ª D. Maria Rita Chiappe Cadet, poetisa muito distincta e talentosa que deixa alguns livros de versos e de prosa apreciaveis. Entre elles citaremos, *Sorrisos e Lagrimas* e os *Contos da Mamã.* A sr. Cadet era além de poetisa uma professora muito distincta que exerceu por alguns annos o magisterio.

Donativo. O sr. dr. Luiz Jardim offereceu á *Associação dos Artistas de Coimbra,* de que é socio benemerito, o donativo de 100$000 réis.

Cholera morbus. As noticias do reino visinho dão quasi extincta a epidemia alli. Apenas nas ilhas Christinas, proximo de Cadix se conserva estacionaria entre os trabalhadores portuguezes, o que aliás não é nada bom. Era mister destruir por algum modo aquelle germen que póde constituir um foco de incubação.

Fortuna inesperada. Nos principios do seculo passado um negociante de vinhos de Manchester, chamado Robson, depois de ter enviuvado duas vezes, sem ter tido successão, retirou-se do commercio. Passado algum tempo foi assassinado pelos criados que lançaram mão do dinheiro e moveis, não tendo podido apoderar-se das propriedades. Como Robson não tivesse herdeiros conhecidos, o estado arrecadou os referidos bens, que tem administrado e que hoje com os juros accumulados ascende ao bonito valor de 250:000 lib. sterlinas, isto é, 1:126 contos da nossa moeda. A historia d'esta fortuna tinha passado ao estado de lenda em Manchester e suas cercanias. Alguns mezes ha, porém, que um lenhador chamado Robson, que vive na aldeia de Hexham (Northumberland) ouvindo contar a lenda entrou a scismar e a perguntar a si mesmo se não podia ter direito áquella fortuna. Com as reminiscencias de seus paes e avós, tratando de fazer pesquisas e averiguações profundas, conseguiu provar que descende por linha direita de um irmão do negociante de Manchester, e como é o unico de sua raça que ha seculo e meio conseguiu provar á justiça dos seus direitos, o Estado reconheceu-lh'os, resolvendo que o humilde lenhador tome posse da herança do seu remoto antecessor. Rabson é joven, accrescenta o periodico d'onde extrahimos a noticia, e não ha rapariga que deixe de o considerar como um dos melhores partidos do condado. O que vae de hontem a hoje! Quem apanhará esta sorte grande?

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Chronica franco brazileira, *publicação quinzenal, redactor em chefe Lopes Trovão. Redacção e administração, Paris, rua Lamartine 5.* Escripta em portuguez e francez, encerra assumptos de interesse, e traz a traducção em francez do *Guarany* de José de Alencar.

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana... 1885, Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, Typ. do Archivo dos Açores.* — N.os 37 e 38 primeiros do setimo volume. Se estes fasciculos nos não apresentam documentos dos tempos mais antigos, como todos os mais fasciculos anteriores, é certo que reproduzem, os que são hoje raros, publicados no primeiro periodo dos tempos liberaes, quando o legitimo governo de Portugal, esteve sustentado e estabelecido no archipelago açoriano. Juntam-se n'estes fasciculos alguns trabalhos do illustre açoriano o sr. Ernesto Rebello, sobre varios pontos relativos aos Açores e sua historia. No que se refere á prisão de Affonso VI, o sr. Rebello, acceitou como de boa fonte, os boatos que os intrigantes que cercavam o infante D. Pedro, depois Pedro II fizeram propalar, e por isso diz que effectivamente corria na corte, que a rainha nunca fôra mulher d'el-rei; tal não corria na corte, antes ao contrario a rainha se julgara uma vez ter entrado no seu estado interessante, o que fizera participar para França e quando as suspeitas se lhe desfizeram dissera, paciencia! se não foi d'esta vez será de outra. Filhos creára-se uma bastarda que o duque de Cadaval obrigou a mãe a declarar que não era de el-rei, mediante uma

---

com outros papeis que de frei José conservava em seu poder.

Dizia mais o guardião que não se desse por sabedor d'isto e procurasse apanhar o impostor que havia illudido a sua boa fé, a fim de se lhe dar a conveniente paga do serviço.

O capellão poz as mãos na cabeça horrorisado de si mesmo.

A sua grande sagacidade, de que tanto se jactanciava, todo o seu passado prestigioso, a sua popularidade, emfim, os seus planos gigantescos, as suas grandes ambições, se desfizeram em face d'esta realidade tremenda, de tamanho logro, de tamanha vergonha!

Entretanto que estas coisas se passavam no palacio do governador das armas, os quatro companheiros da noite reuniam-se nos esconderijos subterraneos que haviam servido de séde aos terriveis caçadores de carne humana, pois fôra para ahi que o *Frade* conduzira a sua idolatrada Ondina, depois dos acontecimentos d'aquella noite tremenda, em que se realisára o rapto audacioso da cigana.

O estado de exaltação da enferma desapparecera inteiramente ao reconhecer aquellas humedecidas abobadas naturaes, ao encontrar-se n'aquella sombria residencia a que se ligavam todas as reminiscencias do seu passado.

Ella poude emfim comprehender que se encontrava entre os seus velhos amigos, e os seus mais affeiçoados partidarios, e na sua face horrivelmente mutilada brilhou um reflexo da alegria que experimentava por achar-se de novo entre elles.

O *Frade,* de joelhos, contemplava-a com toda a ardencia da paixão.

— Agora, viverás para mim, dizia-lhe elle com essa eloquencia natural que dá ás palavras um colorido inimitavel, quando ellas exprimem sem artificios estudados o sentir d'alma nos seus alevantados transportes.

— Mas eu estou horrivel, estou feia. Sabeis que supplicio me inflingiu aquelle monstro?

E contava, com uma lucidez e uma precisão admiraveis, todas as peripecias d'esse episodio medonho, referindo todas as particularidades do horrivel processo de transformação physionomica, tão conhecido entre os ciganos, e de que o monstruoso homem do fato de pelles se servira para exercer sobre ella a sua premeditada vingança.

— Não me quererás assim, dizia-lhe Eu causo medo a mim mesmo. Já não sou a Ondina que tudo podia, sou um monstro.

E desafogava se n'um pranto apaixonado, ardente, suffocante.

Nem havia palavras de consolação para a misera cigana.

— Se queres que te ame, que me esqueça de tudo que hei soffrido, que não tenha medo e vergonha de mim mesmo, embriaga-me, dá-me alguma cousa que me apague esta séde devoradora e mortal.

. . . .

— Meus amigos, disse o *Frade* aos quatro companheiros da noite. Eu tenho a cumprir junto d'esta mulher a obrigação indeclinavel da tutela e da protecção. Vou consagrar-me inteiramente a este dever que me impuz. Parto para Lisboa ámanhã e abandono esta vida errante que só nos dá trabalhos e nos traz em perigos constantes.

A surpreza produzida por uma tal declaração foi geral.

O *Trovão* perguntou cheio de espanto:

— E que vaes fazer para Lisboa? Metter-te na bocca do lobo?

— Não, vou trabalhar, empregar-me em qualquer cousa.

A resposta foi uma gargalhada geral.

Tal era a consciencia em que estavam de que de todo o ponto seria impossivel a qualquer d'elles mudar não só dos habitos adquiridos por vida errante, como adaptar-se a quaesquer condições do trabalho honrado.

— E como conseguirás illudir a justiça que te poz a preço a cabeça?

— Com empenhos, respondeu o *Frade.*

E sem dar tempo a outras objecções, nem procurar explicar-se melhor, concluiu:

— Parto esta noite; quem quizer poupar-se a maiores trabalhos, livre-se de sair d'esta caverna antes que eu volte.

Depois chamou de parte o *Trovão,* e entregou-lhe um pequeno masso de papeis em cujo rotulo se liam estas palavras:

«Para s. ex.ª o conde duque de Olivares.»

Este nome odiado era bastante para fazer estremecer de horror e indignação qualquer portuguez que o soletrasse.

O *Trovão,* apesar da sua condição de criminoso e da sua grande serenidade de animo, empallideceu.

— Que é isto? perguntou elle, attonito, confundido.

O *Frade,* mysteriosamente, achegando-se a elle, fez-lhe signal para que se callasse.

— Se eu não estiver aqui de volta, o mais tardar até ao sair da lua, já sabes o que tens a fazer. Partes immediatamente para Madrid e fazes com que esses papeis cheguem ás mãos do alto personagem a quem os destino. Mas guarda-te de que esse segredo passe de nós!

Feita esta ultima advertencia, voltou costas aos companheiros e deixou-os entregues ás cogitações mais espantosas.

Aonde se dirigia elle, que intenções eram as suas, porque se desfizera d'aquelles papeis, entregando os ao *Trovão,* que razões tinha o *Frade* para depositar n'elles tão grande confiança? Como houvera ás mãos taes documentos, cuja valia preciosa devia pôl o em contacto com o temido e poderoso Olivares?

Incomprehensivel!

Todavia elle não trepidou um momento.

Tudo depende do exito da carta que vae jogar.

Dirige-se ao palacio do governador e introduz-se alli furtivamente, pelo lado dos jardins, alcança a sacada da janella que dava para o quarto do capellão e apresenta-se de subito a sua reverendissima, fulminando-o com a sua presença inesperada e o seu olhar provocante, em que se lê a um tempo a ameaça provocadora e o escarneo do desprezo.

— Nem uma palavra! advertiu elle indo ao seu encontro, depois de correr previdentemente os fechos da rotula da janella, por onde se lhe introduzira no quarto.

tença, etc. Do que se fez dão clara idéa as cartas interceptadas de Affonso VI para o papa, e encontradas e publicadas por Martins Bastos.

Historia de Portugal, *resumida e organisada para uso do povo e das escolas, segundo um plano inteiramente novo*, por Candido de Figueiredo, da Academia Real das Sciencias, etc. Typographia Adolpho Modesto & C.ª, Lisboa. Como o seu auctor diz no frontespicio, esta historia é feita sob um plano novo, o qual nos parece muito mais logico que o de outros compendios destinados ao mesmo fim. Os compendios que em geral estão adoptados para o ensino da Historia de Portugal, são mais as biographias dos reis que a historia patria, o discipulo depois de saber estes compendios fica tão ignorante sobre a historia do seu paiz como d'antes.

O Cadastro da Policia, por Vidal Valenciano Roca y Roca, traducção de Cunha e Sá. Editor, David Corazzi, Lisboa.—V vol. d'este romance, cheio de lances dramaticos perfeitamente deduzidos e que prendem a attenção do leitor.

Catalogo da Livraria Zeferino. Contendo a relação das obras de fundo d'esta antiga livraria, a qual está dando á estampa a importante edição do *Diccionario Universal Portuguez, Illustrado*.

Jornal de Horticultura Pratica. Director, Duarte de Oliveira Junior; proprietario, José Marques Loureiro. Porto, 1885. N.º 12 do XVI volume. —Conta já 16 annos de publicação este importante periodico, que tão bons serviços tem prestado á agricultura portugueza, e que tem sido mantido com uma rara persistencia, pelo seu director litterario e pelo seu proprietario, no que muito tem a applaudir-se. O *Jornal de Horticultura Pratica* vae entrar no XVII anno da sua publicação, proseguindo na sua util propaganda.

Noventa e Trez, por Victor Hugo, traducção de Maximiano Lemos Junior. Lemos & C.ª, editores. Porto. —Continua regularmente a publicação d'esta obra monumental de Victor Hugo. Vae na caderneta n.º 5.

Gil Braz, por Lessage, traducção de Julio Cesar Machado. Editor, David Corazzi. Lisboa.—Já está publicado o fasciculo 14 d'este livro de reputação universal, e cuja edição é um verdadeiro primor.

A Moda Illustrada. Jornal de modas, publicado pela casa editora de David Corazzi, Lisboa.—Está a concluir o 7.º anno de publicação e vae entrar no 8.º anno. A utilidade d'este jornal é já hoje tão conhecida pelas familias e pelas modistas portuguezas que lhe dão a preferencia, que não precisa recommendar-se a sua acquisição.

NOVAS APPLICAÇÕES DA ELECTRICIDADE

Lanterna electrica de M. Trouvé

Photophoro electrico de M. Trouvé

Depois, como visse que o capellão ficára estatico, de cabellos em pé, o olhar espantado e os labios entreabertos, com uma expressão de medo e de pasmo intraduziveis, proseguiu:

— Sente-se que precisamos muito de conversar.

O pobre capellão obedeceu machinalmente. Tal era o assombro de que estava possuido!

O *Frade* tomára aos seus olhos as proporções de ente superior, que participava do sobrenatural. Nem se atrevia a levantar os olhos para elle, a fital-o de frente, como se receiasse que o fulminassem os raios de fogo d'aquelle olhar coriscante.

Elle proseguiu então com uma seriedade que tinha alguma cousa de comico, apreciada por qualquer pessoa estranha á singular situação em que se encontravam aquelles dois homens:

— Se entrei pela janella é porque n'este momento a porta d'esta casa se fechou para mim.

— O que quer então? tratamodeava o outro.

— Cousa pouca; que me deixe sair da provincia e me forneça meios de vida honesta.

Esta supplica foi nova surpreza para o padre.

Readquiriu logo toda a consciencia de si proprio, que havia perdido por momentos, ergueu o braço de um modo magestoso e exclamou:

— Sim, dou-lhe as galés ou o potro; escolha.

O *Frade* respondeu inalteravel:

— Pois terá vossa reverendissima as galés e o potro se ousar sequer mover-se d'essa cadeira, servir-se das vantagens que n'este momento póde exercer sobre mim, que estou aqui em uma casa, indefezo quasi, inteiramente á sua disposição.

O capellão estremeceu involuntariamente, fitou o seu antagonista com muita desconfiança e perguntou:

— Que quer dizer com isso?

— Não sei, mas o conde duque de Olivares poderá explicar melhor do que eu a vossa reverendissima as razões de estado que tem para...

Não foi preciso concluir.

— Basta, basta, exclamou o capellão pallido e tremulo.

Depois levou a mão á testa como quem affasta uma idéa desagradavel.

— Falle mais baixo, disse quasi supplicante, a tremer.

D'ahi dirigiu-se para a sua secretária, abriu-a, e disponha-se a fazer outro tanto á gaveta de um pequeno escaninho á direita, mas deteve-se, com um grande abatimento, reconhecendo que a fechadura estava arrombada.

Então lançou um olhar cheio de amargura para aquelle homem que tinha na sua presença e disse apenas:

Comprehendo tudo!

O *Frade* explicou.

— Tranquillise-se. Eu não roubei esses papeis para o perder, mas para me salvar.

Elles estão em poder de alguem que os fará chegar ao seu destino, caso não possamos entrar n'um accôrdo e vossa reverendissima entenda dever exercer sobre mim o direito que lhe assiste de me entregar á justiça, que poz a preço a minha cabeça.

O capellão balbuciou:

— Eu sou incapaz de fazer mal a alguem, e uma vez que as coisas chegaram a este ponto...

— Podemo-nos entender como bons amigos? Ambos interessados no negocio.

— Mas os papeis?

— Os papeis, repetiu o *Frade* inalteravel, nunca mais os verá. São preciosos de mais para os largar de mão e valem bem a vida de cinco pessoas. No dia em que os meus companheiros caiam nas mãos da justiça essas cinco pessoas, entre as quaes está vossa reverendissima, subirão ao patibulo.

O capellão meneiou a cabeça com uma expressão amarga, de profundo pezar.

Havia confiado demasiadamente n'aquelle homem, e era tarde de mais para se escapar ás consequencias da sua grande leviandade.

— Não percamos tempo, disse afinal. Diga o que quer.

— Em primeiro logar quero cartas de recommendação para os seus amigos de Lisboa, tão interessados como vossa reverendissima em que não passem ás mãos do duque os papeis de que soube apoderar-me...

— Tel-as-ha.

— Em segundo logar preciso tambem um salvo conducto do general das armas, para mim e para os meus companheiros.

É mais difficil, quasi impossivel.

O *Frade* replicou apenas:

— Mas é indispensavel e sem demora, já, n'este mesmo instante, porque se até á noite não estiver de volta, junto dos meus companheiros...

— Basta, basta, supplicou o capellão.

E foi sentar-se á carteira para cumprir inteiramente o que d'elle acabava de ser exigido.

O *Frade* approximou-se. Tinha ainda uma outra condição a expôr. As cartas haviam de ser dictadas por elle.

D'aquelle modo o capellão e os seus amigos ficavam inteiramente á disposição do *Frade*.

Era inacreditavel! Via-se forçado a constituir-se protector nato de uma quadrilha de ladrões para conservar a vida que consagrava ao serviço de uma idéa generosa e bella!

— Emfim que mais deseja, que mais exige de mim, exclamou em tom de desespero.

— O salvo conducto.

— Tel-o-ha.

Saiu do gabinete e pouco depois voltou, trazendo um papel com o sello do quartel general do governador.

— Eil-o.

E com voz alterada proseguiu:

— É mais do que podia fazer-lhe sem me comprometter, mas se quizesse restituir-me esses papeis, alguma cousa mais faria em seu favor.

O *Frade* sorriu e respondeu.

— Dispenso-o d'esse incommodo. Bem viu que sei fazer uso d'elles e lhe conheço todo o valor e importancia.

O capellão curvou a cabeça e apertando-a entre as mãos, encostou-se á carteira, como quem se precipita n'um abysmo.

Quando se ergueu momentos depois já não viu o *Frade*.

A sua figura porém, destacava-se deante dos seus olhos como um phantasma.

Tinha-lhe ficado bem impresso na memoria.

(Continúa) *Leite Bastos.*

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.